

**O QUE A ESCRITA DE UNIVERSITÁRIOS PODE DIZER SOBRE SUAS
PRÁTICAS DE LEITURA**

Lou-Ann Kleppa¹

RESUMO

O gesto de escrever, segundo Flusser (1991), é diferente do gesto de falar. Contudo, ambos têm em comum a procura pelo outro. Em outro texto, o autor (Flusser, 2010) afirma que textos publicados são resultado da atividade de ourives: são lapidados (seja pelo escritor, seja pelo editor). Os textos analisados aqui são redações de alunos ingressantes (em 2011) no curso de Biologia na Universidade Federal de Rondônia. As 102 redações dos alunos examinadas aqui trazem marcas de oralidade e poucos indícios de edição (revisão e corte de redundâncias). São analisadas 36 narrativas que agrupamos sob o título *Era uma vez*, 28 narrativas que agrupamos sob o título de *Continuação*, 10 textos argumentativos que agrupamos sob o título de *Sacolinhas* e 28 textos argumentativos que agrupamos sob o título *TV no ônibus*. O deslizamento da oralidade para a escrita se faz evidente na (1) ortografia, (2) marcas de concordância, (3) preposições e pronomes reflexivos, (4) preenchimento do pronome-sujeito e (5) repetições vocabulares. As ortografias que representam a fala, as repetições, preposições e pronomes reflexivos empregados de maneira *sui generis*, além de concordâncias que não são realizadas na fala apontam para as parcas práticas de leitura dos alunos; já que a leitura envolve a memória pictográfica: quer seja a leitura do próprio texto, quer seja a leitura em geral.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Práticas de leitura.

1 FALAR E ESCREVER

Neste estudo, pretendemos estabelecer um diálogo entre as reflexões de Vilém Flusser sobre a escrita e as redações de alunos universitários. Não se trata

de aplicar as ideias do pensador tcheco, mas de entender, à luz de seus textos, o que acontece nas redações de alunos.

Vilém Flusser escreveu em 1991 sobre os gestos de escrever e ler (entre outros). Por gestos, entende *movimentos do corpo ou de instrumentos a ele ligados que não têm uma explicação causal satisfatória*². Segundo o autor, os gestos são representações simbólicas, são “artificiais” (tanto no sentido de *arte* como no sentido de *não-natural*).

O gesto de escrever tem a ver com a intenção de expressar conteúdos. Neste sentido, uma secretária que escreve um texto que lhe é ditado, não escreve, apenas funciona como máquina de escrever. Transcrever um texto oral igualmente não equivale a escrever. Escrever significa lutar com as palavras, e apenas o texto escrito oferece uma resposta para o significado do gesto de escrever. Contudo, quem escreve, “[...] não escreve diretamente ao seu receptor, ele escreve muito mais a seu mediador. [...] O mediador não ocupa uma posição externa ao texto, ele está, ao contrário, no interior de qualquer texto. Ele é, desde a invenção da tipografia, o editor, na maioria das vezes.” (Flusser, 2010, p. 54).
Mais adiante:

Um texto impresso não é apenas aquele que transformou (capturou, impressionou) o editor, ele é também um texto que foi modificado (que foi apreendido e que causou impressão) pelo editor. O texto impresso é consequência de um aperto de mãos entre aquele que escreve e o editor, ele apresenta os vestígios de ambas as mãos. A mão de quem escreve foi levada pela do editor. (FLUSSER, 2010, p. 55).

Tanto o ato de escrever como o ato de falar realizam as palavras estocadas na memória. Contudo, o gesto de falar é de outra ordem que o gesto de escrever: a transcrição de um texto falado não equivale a um texto escrito. Os sinais gráficos assumem outros valores e a linearidade da fala não corresponde à linearidade da escrita. Quando se escreve, diferentes ordenações de palavras (além da ordem imposta pela ortografia) podem ser planejadas. Os sinais gráficos precisam ser manipulados na escrita, ao passo que a fala conta com sinais sonoros. Já que, para Flusser, escrever é uma maneira de pensar, é no percurso da escrita, no gesto dos dedos, que o texto toma forma e se torna aquilo que o

sujeito tinha a intenção de escrever. *A civilização ocidental pensa por escrito*³. Para Flusser, a escrita não tem futuro:

E as massas serão programadas pelos códigos das imagens técnicas e neste sentido se tornarão novamente analfabetas (o analista de sistemas não precisa escrever, o computador funciona sem o alfabeto, e o cidadão comum não precisa ler, já que a televisão o informa sem recorrer às letras). O gesto de escrever está prestes a se tornar um gesto arcaico, que expressa uma maneira de ser que o desenvolvimento da tecnologia suplantou⁴. (FLUSSER, 1991, p. 48 – tradução minha).

Em contrapartida, o gesto de falar não está ameaçado, não requer instrução formal para ser aprendido e é tanto filogeneticamente quanto ontogeneticamente anterior ao gesto de escrever. “Falar é a tentativa de saltar o mundo para alcançar o outro, mas este bypass se dá de tal maneira que o mundo é absorvido, porque é comentado.”⁵ (Flusser, 1991, p. 57, tradução minha). As palavras que o falante escolhe são as palavras que ele acredita serem compreendidas pelo seu interlocutor. Essa escolha de palavras encontra dois obstáculos: palavras que não são capazes de descrever certos problemas e palavras que não podem ser pronunciadas. *Dizer o indizível e descrever o indescritível forçam os limites da liberdade humana*.⁶

Falar e escrever são gestos tão distintos, que não podemos afirmar que a escrita representa a fala. No entanto, as marcas de oralidade nos textos examinados saltam aos olhos. Não se trata aqui apenas de apontar para as marcas de oralidade presentes nos textos escritos pelos alunos ingressantes no curso de Biologia da Unir em 2011: mais que isso, pretendemos mostrar que as marcas de oralidade no texto escrito apontam para pouca familiaridade com o texto escrito e o processo de escrever, que inclui ler o material escrito e editá-lo (corrigindo, cortando, reformulando). Outro ponto a que chegaremos é a identidade deste grupo de pessoas cujos textos foram examinados.

A respeito do processo de escrever e ler, podemos destacar a questão do planejamento. Nas palavras de Rodrigues (1999, p. 21):

Podemos associar a idéia de não planejamento, ou atividade administrada passo a passo, a uma outra característica da língua falada sugerida por **CHAFE** (1979), que é a sua chamada fragmentação. Esta noção só pode ser entendida como parte das explicações que **CHAFE**

dá ao processamento da fala. Ele esclarece que observações a respeito da língua falada espontânea, feitas não só por ele, mas também por outros investigadores, conduziram à descoberta de que ela é produzida aos jatos, aos borbotões, que são unidades de idéia, ou significativas, com um contorno entonacional típico, e limitadas por pausas. A passagem de uma unidade para outra é feita muito rapidamente, o que torna o processo de falar bem mais acelerado do que o de escrever. (RODRIGUES, 1999, p. 21, grifos no original).

Mesmo que um texto seja planejado enquanto é escrito, quem o escreve tem tempo de editar seu texto, de modo que a versão final não dê pistas do processo de elaboração do texto. Neste sentido, a figura do editor de Flusser se faz presente na figura do escritor. Contudo, este tempo para reler, revisar e reformular o próprio texto parece não estar incluso no processo de escrita dos alunos cujos textos são objeto de análise aqui.

Um último aspecto que diferencia a fala da escrita é o uso da variante padrão. Citamos um trecho de Marcuschi (2001):

A escrita, por sua vez, pelo fato de ser pautada pelo padrão, não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal. Isso, a menos que se sirva, como na literatura regional, de traços da realidade lingüística regional ou apresente características estilísticas tão peculiares que permitem a identificação de autoria. Mas isso não ocorre com todos os gêneros textuais. Por exemplo, não se pode chegar a identificações individuais de autoria na maioria dos textos de um jornal diário. Enquanto a fala pode facilmente levar à estigmatização do indivíduo, com a escrita isso acontece bem menos. Parece que a fala, por atestar a variação e em geral pautar-se por algum desvio da norma, tem caráter identificador. (MARCUSCHI, 2001, p. 36).

O desvio da norma, que é objeto de análise deste trabalho, identificará os alunos ingressantes no curso de Biologia na Unir em 2011. Os desvios da ortografia, por exemplo, encontrados nos textos examinados, apontam diretamente para a pronúncia das palavras no Norte do Brasil.

2 MATERIAL E PROCEDIMENTOS

As redações que formam o *corpus* de análise são provenientes da turma de calouros de 2011 em Biologia na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Para essa turma, foi ministrada a disciplina Língua Portuguesa, que praticamente se

configurou como um laboratório de redação. No total, os alunos escreveram três textos de ficção, três textos argumentativos, dois fichamentos, três resumos e três resenhas. Para cada um desses gêneros, apenas um texto valia nota. Para fins de análise, recortamos dois textos de ficção e dois textos argumentativos que foram fruto das atividades/ discussões em sala de aula. A seguir, serão descritas as propostas dos textos de ficção e argumentação.

O primeiro grupo de textos escritos pelos alunos é, na verdade, uma atividade de retextualização. Em sala de aula, eles tinham sido estimulados a contar (oralmente e depois por escrito) uma estória (que tinha que começar com “Era uma vez” e podia contar com elementos do fantástico, maravilhoso ou mágico) com base em dez imagens que a professora exibia durante um minuto. Algumas estórias (tanto orais como escritas, lidas em voz alta) foram comentadas e algumas peculiaridades da oralidade e da escrita foram apontadas. Como tarefa de casa, foi pedido que os alunos retextualizassem sua estória. Foram analisadas 36 redações que chamamos aqui de *Era uma vez*. Esta redação não valia nota.

O segundo grupo de textos é, mais precisamente, uma atividade de continuação de narrativa. Os alunos tinham recebido inícios de estória. No todo, havia três inícios diferentes, mas cada aluno recebeu uma variante e trabalhou em cima dela, sem ter a opção de escolher uma das outras versões. Este processo de escrita é chamado, em inglês, de *creative writing* (escrita criativa), e pretende oferecer o estímulo inicial para estórias (de ação e aventura). Foram analisadas 28 redações que chamamos aqui de *Continuação*. Esta redação valia nota.

O terceiro grupo de textos era sobre sacolas plásticas. Durante a aula, informações sobre sacolas de plástico no comércio (número de sacolas produzidas, número de sacolas consumidas, exemplos de países que não distribuem sacolas plásticas no comércio porque é cobrada uma taxa/ porque oferecem sacolas de papel/ porque simplesmente não as oferecem) foram discutidas. Foi pedido que os alunos se posicionassem em relação a uma lei (não-real) que proibisse a distribuição gratuita de sacolas plásticas no comércio de Porto Velho. Foram examinadas 10 redações que aqui agrupamos sob o nome de *Sacolinhas*. Esta redação não valia nota.

O último grupo de textos igualmente é de cunho argumentativo. Durante a aula, a turma foi dividida em dois grupos. Um grupo tinha como tarefa defender um projeto (não-real) de implementação de televisores que transmitissem a programação da rede Globo ao vivo nos ônibus de Porto Velho, enquanto o outro grupo tinha que argumentar contra este projeto. Os alunos foram estimulados a argumentar, independentemente de sua opinião pessoal. Como tarefa de casa, foi pedido que escrevessem um texto em que defendessem seu ponto de vista sobre o tema. Foram examinadas 28 redações que agrupamos aqui sob o título de *TV no ônibus*. Esta redação valia nota.

Fazemos questão de enfatizar quais redações valiam nota, porque assim se compreende melhor o número de redações recebidas.

3 MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA

É certo que a oralidade é uma prática social mais pronunciada do que a escrita na vida dos ingressantes em Biologia no ano de 2011 na Universidade Federal de Rondônia. Resta investigar os deslizamentos (*shiftings*, segundo Marcuschi, 2001, p. 10) textuais entre a oralidade e a escrita; e o que a escrita destes alunos pode dizer sobre suas práticas de leitura e escrita.

No intuito de verificar as marcas de oralidade no texto escrito, tomamos por escopo os seguintes itens:

- (1) ortografia que representa a fala,
- (2) marcas de concordância desviantes do padrão,
- (3) preposições e pronomes reflexivos usados de maneira não convencional,
- (4) preenchimento do pronome (-sujeito),
- (5) repetições vocabulares.

a. Ortografia

Nos dados analisados, foram discriminadas seis categorias diferentes de ortografia desviante do padrão. São elas:

- (1) ortografia que representa a fala em geral – exceto nos verbos (trocas de *u* por *l*, diferentes representações gráficas para o som de [s], preenchimento de [i] em grupos consonantais etc.). Exemplos são: *varau*, *resolvel*, *divercidade*, *populasão*, *desiguinado*;
- (2) ortografia que representa a fala nos verbos (apagamento do *-r* que marca o infinitivo, trocas de *-ão* por *-am* e de *-e* por *-i*). Exemplos são: *para vê*, *não gostão*, *quem assisti*;
- (3) hipercorreções (envolvendo principalmente a confusão entre *-e* e *-i*). Exemplos são: *investir*, *destrair*, *boeiro*;
- (4) acentuação (ausente ou excedente). Exemplos são: *varias idades*, *as vezes*, *sem duvida*, *problemas á serem resolvidos*, *idéia*, *tranqüilo*;
- (5) limites da palavra (quando uma palavra se transforma em duas e vice-versa). Exemplos são: *envez*, *sem do* (sendo), *derrepente*, *de vagar*;
- (6) grafias que criam novas palavras e/ou novos usos para palavras parecidas com a palavra-alvo. Exemplos são: *inteterimento*, *entreiterimento*, *a mercer* (à mercê), *a renda é **revestida** em projetos ambientais*, *úteis para **desacatar** lixo*.

Ortografia desviante		Era uma vez	Continuação	Sacolinhas	TV no ônibus	Totais
Ortografia representando a fala	geral	15	8	9	10	42
	verbos	12	17	2	16	47
Hipercorreções		1	-	3	3	7
Acentuação	ausente	4	8	14	40	66
	excedente	-	7	3	2	12
Limite da palavra		5	5	4	4	18
Novas palavras/ novos usos		-	-	4	4	8

Tabela 1: Ortografia desviante nos textos examinados.

Na Tabela 1, apresentamos o número de ocorrências de cada uma dessas categorias nas diferentes propostas de redação. Das ortografias desviantes nos verbos, a esmagadora maioria (35 de 47) incide na marca do infinitivo: o *-r* final não aparece. Acreditamos que se esses alunos, residentes em Porto Velho, falassem a variante caipira – em que (quase) todos os *-r* finais e pré-consonantais são pronunciados de maneira retroflexa - é bem possível que os *-r* do infinitivo apareceriam grafados nos seus textos. De fato, entendemos que a grafia destes alunos reflete, em grande parte, sua pronúncia.

No tocante à acentuação encontrada no grupo de textos *Era uma vez*, observamos um baixo índice de formas divergentes. É possível que o fato de que este texto era, na verdade, uma atividade de retextualização, tenha contribuído para o número relativamente alto de acentos colocados conforme o padrão.

Em suma, as ortografias que representam a fala, as hipercorreções, a falta de acentuação gráfica, o desconhecimento dos limites das palavras e os usos inusitados de algumas palavras apontam para práticas de leitura e escrita deficientes. O aprendizado da leitura e escrita é um processo bastante mecânico que passa pela via pictórica. A memória fotográfica da grafia das palavras auxilia a ler e escrever. Quando um sujeito tem pouco contato com a leitura e escrita, escreve de acordo com a intuição – que nem sempre corresponde à ortografia. Nesse sentido, alunos iniciantes de língua estrangeira cometem poucos erros de ortografia: porque ainda não têm intuições sobre a língua que estão aprendendo e baseiam-se no que sua memória visual já armazenou.

b. Marcas de concordância

As marcas de concordância são o elemento de mais difícil sistematização nas redações dos alunos ingressantes em 2011 no curso de Biologia da Unir. As concordâncias desviantes não são muitas – numericamente,- mas muito diversificadas. A primeira divisão que se pode fazer é entre concordância verbal e nominal. Uma subdivisão em cada um desses domínios é, respectivamente, entre concordância de gênero, número e pessoa. Contudo, essas categorias não são suficientes para descrever as concordâncias desviantes encontradas nos textos analisados. É preciso identificar como se dá a não-concordância.

No caso da concordância de pessoa, haverá marcas destoantes. Este tipo de não-concordância aconteceu uma vez em todo o *corpus*:

- (i) [...] *leis rígidas, que **proibi** a distribuição gratuita [...]*

No exemplo (i), o elemento regente (*leis rígidas*) está na terceira pessoa do plural, ao passo que o verbo está na primeira pessoa do singular, no pretérito perfeito.

No caso da concordância de gênero, igualmente haverá marcas dissonantes. No *corpus* analisado foram encontradas quatro ocorrências deste tipo:

- (ii) [...] ***uma** sonho [...]*
 (iii) [...] ***todos** a população [...]*
 (iv) [...] *nas TVs **espalhados** [...]*
 (v) [...] *passam na TV alguma interação que é **proibido** para criança [...]*

É interessante notar que, como no exemplo (i), o elemento regente tem seu gênero marcado de acordo com o padrão, enquanto ou o verbo ou o determinante não concordam com ele.

No caso das marcas de concordância em relação a número, podemos identificar o elemento que traz a marca e o elemento que não apresenta a marca de número correspondente. Estes dados estão sistematizados na Tabela 2:

		Era uma vez		Continuação		Sacolinhas		TV no ônibus	
Onde há marca		<u>SN V</u>	SN <u>V</u>	<u>SN V</u>	SN <u>V</u>	<u>SN V</u>	SN <u>V</u>	<u>SN V</u>	SN <u>V</u>
Ocorrências		2	-	3	1	8	5	17	2
Onde há marca		<u>Det N</u>	Det <u>N</u>	<u>Det N</u>	Det <u>N</u>	<u>Det N</u>	Det <u>N</u>	<u>Det N</u>	Det <u>N</u>
Ocorrências		2	1	4	-	-	-	5	4

Tabela 2: Marcas de concordância de número nos textos analisados.

A marcação de número parece ser aleatória, mas não é: parece haver uma tendência para marcar o plural no primeiro elemento, que é o que acontece na oralidade. Exemplos de marca no sintagma nominal, mas não no verbo correspondente, são:

- (vi) [...] *todos da cidade **contava** [...]*

- (vii) [...] *as pessoas iriam ficar tão distraídas que poderia **perde** o ponto*
[...]

Exemplos de marca no verbo, mas não no sintagma nominal correspondente são:

- (viii) [...] *serão **obrigada*** [...]
(ix) *Se o fornecimento dessas sacolas plásticas **fossem** cobrados* [...]

Acreditamos que frases longas, que criam uma distância (de várias palavras) entre o sujeito e o verbo, como acontece nos exemplos (vii) e (ix) propiciam o aparecimento dessas concordâncias desviantes.

Exemplos de marca no determinante, mas não no nome são:

- (x) [...] *varais **espalhado*** [...]
(xi) [...] *os **companheiro*** [...]

Este tipo de concordância é bastante comum na oralidade: *Os cara veio tudo de bicicleta*. O que absolutamente não faz parte da oralidade são os exemplos de marca no nome, mas não no determinante correspondente:

- (xii) [...] ***a** saudades* [...]
(xiii) [...] ***nenhuma** condições* [...]

Restam ainda casos que não se encaixam nas categorias anteriores:

- (xiv) [...] *políticos, **empresarial**, religiosos* [...]
(xv) [...] *todo **os** conhecimento* [...]
(xvi) [...] *das **sacola** plásticas* [...]
(xvii) [...] *66 sacolas por **habitantes*** [...]
(xviii) [...] *todos os ônibus **coletivo*** [...]

Na oralidade, é comum que haja marcas de plural no determinante, mas não no nome; ou no sintagma nominal e não no verbo correspondente. O contrário não é comum na oralidade, mas se deu em 13 ocorrências no *corpus* examinado. Estas ocorrências e as últimas, que escapam à sistematização proposta aqui, indicam deficiências no processo de escrita (porque não é praticado rotineiramente) e de leitura (porque parece não haver edição dos textos).

c. Preposições e pronomes reflexivos

A seguir, trataremos das preposições desviantes nos textos dos alunos. São usos desviantes porque

- (1) não seguem a regência verbal;
- (2) omitem preposições quando são esperadas;
- (3) apresentam preposições em momentos em que não são esperadas.

No primeiro exemplo, temos o caso (1) e o único caso de preposição intransitiva (*preposition stranding*) encontrada no *corpus* examinado:

- (xix) [...] *se tivesse uma de suas velas ou anéis mágicos, apetrechos aos quais gostava e não viveria sem se estivesse em seu aconchegante reino.*

A regência de gostar é *de*, não *a* e a preposição *sem* ficou sem argumento (portanto intransitiva). Exemplos de ausência e excesso de preposição são:

- (xx) [...] *optou mergulhar nesse lindo lugar [...]*
 (xxi) [...] *se formou em bióloga [...]*

Na Tabela 3, podemos observar a distribuição dos desvios no tocante à preposição:

	Era uma vez	Continuação	Sacolinhas	TV no ônibus
Trocadas	1	1	2	2
Ausentes	-	2	-	8
Excedentes	-	2	1	2

Tabela 3: Preposições desviantes nos textos examinados.

Novamente percebemos que na primeira redação produzida (*Era uma vez*) há menos formas heterogêneas. É possível que o fato de o texto final não coincidir com o texto original tenha contribuído para este resultado. A última proposta de texto, que valia nota e era do tipo argumentativo, gerou muitas preposições mal colocadas. Percebemos que onze das ausências/ excessos de preposições envolvem a crase – que é um elemento que não aparece na oralidade.

Outro fenômeno da escrita é a ênclise, cujos desvios mais marcantes se deram nos seguintes pronomes reflexivos:

- (xxii) [...] a cidade **deve-se** preocupar [...]
- (xxiii) [...] opiniões **divergem-se** sobre o monopólio da transmissão [...]
- (xxiv) [...] **deve-se** ser regulada por meio de cobranças
- (xxv) [...] agora está fazendo doutorado, e **optou-se** morar perto daquele fascinante lugar [...]

Acreditamos que a pouca familiaridade com o texto escrito – seja nas práticas de leitura, seja nas práticas de escrita – responda por estes desvios.

d. Preenchimento do pronome

Por questões de memória, variante social e outros motivos, ocorre o preenchimento do pronome (mais comumente na função de sujeito) na oralidade. Sentenças como: *O João, **ele** gosta de andar de bicicleta* são esperadas na oralidade, mas não previstas pela norma padrão da língua portuguesa. Os pronomes preenchidos encontrados no *corpus* apenas exercem a função de sujeito na primeira ocorrência:

- (xxvi) *Imagine um brasileiro que trabalha o dia todo, **ele** não tem tempo de ficar vendo as notícias, mais quando **ele** entrar no ônibus **ele** poderá ter acesso a **elas** (notícias).*
- (xxvii) *Andando, andando por uma trilha avistou um belo jardim que no meio **dele** cortava um rio.*
- (xxviii) [...] *chegando lá alimentou os pombos que ela sempre **os** alimentava.*

Pronomes oblíquos, relativos ou mesmo elipses são típicos da escrita e pouco comuns na oralidade. Neste sentido, os alunos reproduzem na escrita a estratégia de empregar (preenchendo os espaços da memória) os pronomes retos, mesmo que não seja preenchendo o pronome-sujeito. É de se notar que a clareza atingida através do preenchimento do pronome beira a redundância.

e. Repetições

Considerando que as repetições são bastante frequentes na oralidade (devido às condições de planejamento e processamento da linguagem enquanto se fala e devido à situação dialógica), nos deparamos com um número pequeno

de repetições nas redações dos alunos de Biologia. As repetições decorrentes de reformulações, correções, hesitações e ecos da fala alheia não deveriam aparecer em textos escritos, porque o processo de escrita permite o apagamento dessas marcas. Se aparecerem, apontam para problemas de revisão do texto. Contudo, existe outro tipo de repetição, que independe da maneira como o texto foi produzido (oralmente ou por escrito). A repetição pode ser usada para se atingir o efeito de iteração (ex: *Liguei, liguei, liguei, mas ele não atendeu*) ou intensidade (ex: *Te amo muito, muito, muito*). Essa repetição pode se dar no nível da palavra (como vimos nos exemplos anteriores) ou do morfema (ex: *vovó, titia, papai, Lulu*).

No total, encontramos oito ocorrências de repetições, que serão discriminadas abaixo. Pudemos perceber três tipos de repetições no *corpus* analisado:

- (1) repetições vocabulares, marcando intensidade e iteração;
- (2) repetições que garantem a progressão do texto;
- (3) repetições por falta de edição (revisão).

As repetições do primeiro tipo são as mais comuns, por expressarem iteração ou intensidade. A repetição que marca iteração cria um efeito cumulativo em:

(xxix) [...] *através desses problemas vem **outros e outros** e leva **anos e anos** para se decompor.*

Para marcar intensidade, a repetição igualmente foi usada:

(xxx) *Era uma vez uma princesa que vivia em um reino **muito muito** distante.*

(xxxix) [...] ***andando, andando** por uma trilha [...]*

As repetições do segundo tipo ocorreram em apenas um texto:

(xxxii) [...] *seu namorado a levou para uma linda **floresta** e nessa **floresta** passa um **corrego** e do outro lado do **corrego** havia uma casa bem **antiga**, mas apesar de ser **antiga**, ela era muito bela, [...]*

Por fim, a única repetição deixada pelo aluno no texto envolve (talvez) uma atividade de reformulação corretiva:

(xxxiii) [...] *ele saiu **de da** pista e explodiu.*

Provavelmente por falta de revisão, o elemento repetido permaneceu no texto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando procuramos pelas marcas de oralidade nos textos escritos por alunos universitários, não pretendemos denunciar seus problemas de escolarização, mas investigar como funcionam a oralidade, escrita e leitura destes alunos. Depois de examinados os dados, podemos apontar para duas dificuldades dos alunos ingressantes no curso de Biologia da Unir em 2011: (1) escrever conforme o que já foi lido e (2) lapidar o próprio texto.

Em relação ao primeiro ponto, a grafia desviante do padrão, as marcas de concordância incomuns na variante padrão (e na oralidade), as preposições e os pronomes reflexivos empregados de maneira incomum, o preenchimento do pronome e as repetições vocabulares apontam para práticas de leitura escassas. Já que grande parte dos textos escritos (excluídos estão por exemplo listas, bilhetes, mensagens de celular, linguagem de MSN e *chat*, *scrap*s de Orkut e Facebook) segue a variante padrão, e a escrita/ leitura envolve a memória pictórica, podemos afirmar que estes alunos têm pouca familiaridade com a leitura.

Quando as práticas de leitura inexistem, as práticas de escrita igualmente deixarão de existir. Neste sentido, podemos entender o que significam os neo-analfabetos que Flusser menciona, quando afirma que a escrita não tem futuro; porque as imagens técnicas (foto e vídeo) estão tomando o lugar da palavra escrita.

Para explorar o segundo ponto, voltamos a Rodrigues (1999, p. 20): “Em termos mais gerais, a língua falada apresenta uma tendência para o não planejado, ou, ainda, com base nas idéias de OCHS, a língua falada é planejada localmente, isto é, constitui uma atividade administrada passo a passo.” Em relação ao tema, a escrita é planejada: quem escreve, sabe sobre o que vai escrever. Pode não saber de antemão como formular o conteúdo, mas não

depende do interlocutor ou do contexto para determinar o tema do seu texto. Voltamos a citar Rodrigues (1999, p. 28):

a par do planejamento temático, ocorre o planejamento lingüístico, ou seja, a formulação verbal é também planejada (urbano, 1990). assim, além de ser planejada, a língua escrita é também planejável (akinnaso, 1982), pois pressupõe articulação tanto de idéias como de dados lingüísticos estabelecidos antes (ou durante?) o ato de escrever. (rodrigues, 1999, p. 28).

É possível que o baixo índice de acentuações desviantes em *Era uma vez* seja resultado do processo de escrita completo: escrita e leitura crítica do texto escrito. Lapidar o próprio texto talvez seja difícil em virtude da pouca familiaridade com a leitura.

Por fim, gostaríamos de apontar que outros alunos deixariam outras marcas de oralidade no texto escrito, porque alunos de outras regiões do país pronunciam as palavras de outro modo, usam outras expressões e tiveram outro percurso de alfabetização, letramento e escolarização. Assim, encontramos marcas de identidade no texto escrito que se desvia da sua forma padrão.

WHAT COLLEGE STUDENT'S WRITING CAN TELL ABOUT THEIR READING

ABSTRACT

According to Flusser (1991), the gesture of writing is different from the gesture of speaking. Nevertheless, both gestures reach out for the (conversation) partner. Later, Flusser (2010) claims that the gesture of writing is comparable to the gesture of a goldsmith (either the writer or the editor cuts the material). The present study examines texts written by biology students in their first year (2011) of college (Federal University of Rondônia). The 102 essays analysed here present with many orality marks and little edition signs (review and cutting redundancies). Four text groups are examined here: *Once upon a time* is the title of 36 narratives, *Creative Writing* is the group of 28 narratives, *Plastic bags* is the group of 10 argumentative texts and *Tv in the bus* is the group of 28

argumentative texts. The switching of speech to the written text makes itself evident in the (1) spelling, (2) agreement, (3) prepositions and reflexive pronouns, (4) filling in of personal pronouns and (5) repetitions. The spellings representing speech, repetitions, odd uses of prepositions and reflexive pronouns and unusual agreements in speech point to low literacy practices. Reading involves pictorial memory: either reading other texts or its own. It seems that one conclusion is that these students do not read in general and do not edit (read) their writings.

Keywords: Orality. Writing. Reading practices.

NOTAS

1

2 Hier also die Definition, die ich vorschlage: "Die Geste ist eine Bewegung des Körpers oder eines mit ihm verbundenen Werkzeugs, für die es keine zufriedenstellende kausale Erklärung gibt." Flusser (1991, p. 8)

3 "(...) das Abendland ist die Gesellschaft geworden, die durch Geschriebenes denkt." (Flusser, 1991, p. 48).

4 "Und die Massen werden durch die Codes technischer Bilder programmiert und in diesem Sinn wieder zu Analphabeten (der Systemanalytiker braucht nicht zu schreiben, der Computer funktioniert ohne Alphabet, und der Massenmensch hat es nicht nötig, zu lesen, Fernsehen informiert ihn ohne Buchstaben). Die Geste des Schreibens ist im Begriff, eine archaische Geste zu werden, durch die sich eine Seinsweise äußert, die durch die technische Entwicklung überholt ist."

5 "Sprechen ist der Versuch, die Welt zu überspringen, um zum anderen zu kommen, aber so, daß dabei die Welt in den Sprung aufgenommen wird, eben "besprochen".

6 "(...) unsägliche Probleme auszusprechen und unsagbare Worte zu sagen, um die Grenzen der menschlichen Bedingtheit weiter hinauszuschieben und den Raum der menschlichen Freiheit zu erweitern." (Flusser, 1991, p. 59 – 60).

REFERÊNCIAS

FLUSSER, V. *Gesten: Versuch einer Phänomenologie*. Düsseldorf: Bollmann Verlag, 1991.

FLUSSER, V. *A escrita – Há futuro para a escrita?* Tradução: Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/ USP, Vol. 1, 4° ed., 1999.